

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

# **Itinerários de vida e trabalho de catadores/recicladores. Subjetividades perpassadas pelo 'migrar'.**

Cassiano P. Lisboa, Márcio Amaral, Leandro Pinheiro y Tiago Cargnin.

Cita:

Cassiano P. Lisboa, Márcio Amaral, Leandro Pinheiro y Tiago Cargnin (2009). *Itinerários de vida e trabalho de catadores/recicladores. Subjetividades perpassadas pelo 'migrar'*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/114>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/evbW/Qpq>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

# Itinerários de vida e trabalho de catadores/recicladores

Subjetividades perpassadas pelo 'migrar'

**Cassiano P. Lisboa/UFRGS**

*cassiano.lisboa@gmail.com*

**Márcio Amaral/UFRGS**

*marxamaral@yahoo.com.br*

**Leandro Pinheiro/UFRGS**

*leandrop@faccat.br*

**Tiago Cargnin/UFRGS**

*tiago\_cargnin@yahoo.com*

## 1 Introdução: contextualização do espaço social

Na América Latina, assim como no restante do mundo, a emergência do *ambiental* enquanto discurso e campo de disputas simbólicas é um fenômeno histórico recente. Dá-se atrelada ao desenvolvimento tecnológico e científico (ao mesmo tempo *causa e possibilidade de diagnóstico* dos problemas de saúde e ecológicos resultantes de nossas atividades) e à contracultura das décadas de 1960 e 1970, às lutas do movimento ecológico e à ampliação do debate acerca dos limites do modelo capitalista de desenvolvimento, ao surgimento de novas pautas de reivindicações, assim como aos processos de democratização dos países. Esse movimento, entretanto, não se restringe a (nem se permite apreender em) uma seqüência linear (com sentido crescente) de acontecimentos, compreende todo um conjunto de avanços e recuos, produções de discursos, reações, resistências e redirecionamentos.

Vinculado ao desenrolar desses processos e de modo especial aos debates acerca da produção e destinação de lixo, temos, ainda mais recentemente, a emergência e consolidação de uma cadeia produtiva organizada em torno da reciclagem de resíduos. Diferentemente disposta em cada um dos países e em cada uma de suas regiões, a trama de relações sociais que sustentam e significam o trabalho de reciclagem, numa das pontas da cadeia, e a coleta, a triagem e a comercialização dos materiais recicláveis, na outra, se inscrevem no campo ambiental, reescrevendo-o de formas específicas. No Brasil, por exemplo, o contingente de catadores e catadoras<sup>1</sup> de materiais recicláveis é estimado em cerca de *um milhão de pessoas*<sup>2</sup>. Deste montante, a maior parte sobrevive em condições adversas: dificuldade de acesso aos serviços sociais básicos como saúde, segurança, lazer e educação; precárias condições de moradia; trabalho e inserção política; rendimentos baixos e ‘flutuantes’ (variações significativas ao longo do tempo). Inseridos numa peculiar cadeia produtiva, esses trabalhadores e trabalhadoras, apesar (ou em função) das dificuldades, constroem formas próprias de sociabilidade; relacionam-se com um discurso de cunho ambiental, aderindo ou resistindo a ele; resignificam suas trajetórias à luz das possibilidades disponíveis no presente; projetam-se em direção ao futuro, por mais incerto e interdito que este se apresente. Uma trama complexa de atravessamentos que nos desafiam, ao mesmo tempo em que convidam, ao aprofundamento da reflexão sociológica e educativa com vistas à construção de quadros socialmente mais justos e ecologicamente viáveis.

## 2 Referencialidades e propósitos

Frente às análises propostas neste artigo, cabe aqui ressaltar alguns conceitos fundamentais para compreendermos a relação dos sujeitos envolvidos nos processos de reciclagem, destacando questões e opções teóricas e metodológicas que perpassam esse campo.

A partir da associação com o conceito de *identidade narrativa*, tomado como um projeto identitário apoiado numa matriz de traços e tendências supostamente capazes de traduzir os ideais do campo, ou seja, enfocando as trajetórias dos sujeitos e a forma como os sujeitos estabelecem relações que também são formativas do campo ambiental, pode-se ver marcas que configuram este

---

<sup>1</sup> Quanto à denominação ‘catadores/recicladores’, destacamos que a nomenclatura composta utilizada procura reconhecer as disputas identitárias que constituem este campo de trabalho, organizadas conforme a atuação de movimentos sociais e entidades representativas do segmento. Neste sentido, seguimos orientação adotada por Martins (2003).

<sup>2</sup> Estimativa do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome em estudo realizado no ano de 2006.

espaço como constitutivo de uma identidade narrativa, “que torna possível que sujeitos, desde sempre mergulhados na historicidade e linguisticidade, agenciem os fatos de acordo com uma perspectiva de compreensão do mundo que quer comunicar certa experiência pessoal e social” (CARVALHO, 2003, p.296). Essa associação propõe resgatar os contextos histórico-culturais específicos dos sujeitos, bem como suas singularidades e redes de relação, na perspectiva de perceber as (re)construções destes sujeitos neste campo, suas (re)significações e apropriações manifestadas nas relações entre os indivíduos e sociedade. Assim, a identidade narrativa é relacionada a uma ação de construção da “biografia”, ou seja, histórias de vida em sua perspectiva mais ampla: relatos orais, longas entrevistas abertas, testemunhos escritos, documentos orais, descrição de trajetórias, entre outros – Marre (1991) e Eckert (1994) –, operando com a idéia de que os indivíduos são atravessados por movimentos culturais e processos históricos que influenciam sua forma de narrar-se.

Compreendido dessa forma, o auto-relato, constitutivo de uma identidade narrativa, pode ser tomado, como salienta Isabel Carvalho, como um “um *focus* privilegiado do encontro entre a vida íntima do indivíduo e sua inscrição numa história social e cultural. A biografia, ao tornar-se discurso narrado pelo sujeito autor e protagonista, instaura sempre um campo de renegociação e reinvenção identitária” (CARVALHO, 2003, p. 284). Ao narrar-se, o sujeito manifesta sua identidade, sua relação com o campo social (e ambiental), suas associações, contradições e conflitos, manifestados na dinâmica das relações sociais de pertencimento, operando entre “a privacidade de um sujeito e o espaço sócio-histórico de sua existência” (Id. Ibid, p. 284).

Como tarefa analítica, nos propomos a compreender práticas e ações vivenciadas na realidade do campo de trabalho e que são auto-narradas por estes sujeitos em específico (os catadores), percebendo as condições de associação, agenciamentos e pertencimentos coletivos.

Assim, imaginamos assumir um posicionamento teórico, indicando, ademais, horizontes educativos para uma investigação reflexiva acerca das atividades de recicladores. Neste propósito, a produção de narrativas foi o artifício metodológico para a compreensão de saberes e tomadas de posição dos sujeitos, esboçando as tensões que constituem o campo.

Foram consultadas cinco unidades de triagem das dezesseis existentes<sup>3</sup> no município de Porto Alegre e, em cada uma delas, um terço dos trabalhadores. As consultas incluíram aplicação de questionários para levantamento sociodemográfico, a realização de entrevistas sobre as trajetórias de trabalho e vida dos catadores e levantamento sobre as condições de gestão e trabalho. A base de dados para a construção deste artigo é composta, portanto, por 64 questionários de perfil socioeconômico, 10 entrevistas gravadas com a trajetória de vida dos catadores/recicladores e 5 dos gestores entrevistados, além de 5 consultas específicas sobre a gestão das unidades.

### **3 Trajetórias e subjetividades**

Passaremos agora à análise das informações obtidas juntos aos catadores/recicladores, nas consultas sociodemográficas e nas entrevistas individuais. Inicialmente, caracterizaremos brevemente as trajetórias de trabalho, para, em seguida abordarmos experiências migratórias narradas.

#### *3.2 Trajetórias no trabalho*

Visualizamos trajetórias de vida marcadas pelas dificuldades de ingresso no mercado de trabalho, principalmente devido à falta de oportunidades de emprego e à baixa escolarização, acompanhada por situações de desemprego familiar, necessidade de sobrevivência e de estabelecimento de uma atividade remunerada em curto espaço de tempo.

Além disso outros fatores podem os ter levado a escolha pela reciclagem, destacamos entre elas a proximidade das associações do local de residência, a flexibilidade das relações de trabalho (horários a cumprir, dispensas, entre outros), que permite cuidado e acompanhamento dos filhos e da família (elemento presente principalmente no relato das mulheres) e a presença de amigos e familiares nesta atividade, abrindo caminho para uma inserção neste ramo de trabalho, seja de forma individual ou coletiva (através das associações). É relevante também o fato do trabalho com reciclagem não estabelecer critérios/requisitos como idade, escolaridade, condicionamento físico, “boa aparência”, residência fixa, entre outros, surgindo como alternativa de inclusão em casos de extrema precarização da condição social dos sujeitos.

---

<sup>3</sup> Conveniadas com o Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU)

*Eu comecei a trabalhar na fazenda com meu tio de peão eu tinha dez anos, já trabalhava. Foi por ali que eu fui aprendendo com a vida [...] Vim com dezenove anos [para Porto Alegre], em 1970. Aí, aqui eu comecei, cheguei aqui e comecei nas obras, serviço arranjado pelo meu cunhado e irmão, comecei nas obras, de servente, porque eu não sabia. (Juares, 55 anos)*

*Trabalhei. Nunca tinha trabalhado [com carteira assinada]. Aí uma nora trabalhava, tinha vaga, perguntou se eu não queria, eu disse 'quero'. Aí trabalhei um ano. Aí saí, de carteira assinada, aí depois nunca mais trabalhei. (Nilda, 54 anos)*

Quando questionadas sobre a continuidade neste trabalho, 64% dos entrevistados manifestaram desejo de deixar tal ramo de atividade em função da falta de direitos trabalhistas (como férias, 13º salário e Fundo de Garantia por Tempo de Serviço – FGTS), argumentando também que os ganhos são muito instáveis e variáveis, por vezes insatisfatórios, e as condições de trabalho, muitas vezes insalubres. O que se percebe é que a maioria dos entrevistados já desenvolve a atividade de “catador/reciclador” há bastante tempo, oscilando entre o trabalho em grupo e individual, inclusive com alternância de associações. O tempo de permanência nas associações organizadas é bastante variável, dependendo muito da trajetória de vida da catadora/recicladora, de oportunidades de trabalho e, principalmente, da relação de “produtividade x ganho” estabelecida na associação. Este posicionamento, pautado pela necessidade de sustento e precariedade das situações de trabalho, parece fragilizar a vinculação dos recicladores com os grupos em que se articulam, salvo em casos de ganhos elevados. A relação com a reciclagem e as reivindicações do campo parecem ser observadas como provisórias/circunstanciais, interferindo inclusive na efetividade das lideranças que se constituem nestes coletivos. Encontramos um sujeito que, sobrevivendo da atividade de reciclagem, não a concebe nas suas repercussões ambientais, usualmente veiculadas na sociedade, tampouco a critica pelos serviços que presta a um padrão produtivo e de consumo que, de outro lado, a instrumentaliza.

*Eu estudei até meus 17 anos, depois eu comecei a trabalhar no reciclado [...] mas era assim, como é que se diz... numa firma informal. Era uma invasão, aí eu me encaixei lá no reciclado. [...] Ah, lá eu trabalhei em média um ano e meio, só. Um ano e meio. E não tinha carteira assinada, não tinha nada. (Alice, 34 anos)*

A atividade de reciclagem seria, assim, a mais recente entre experiências sequenciais de informalidade e provisoriamente destes trabalhadores, constituindo uma inclusão precarizada ao sistema capitalista e, desta forma, uma articulação ao projeto de modernidade que construímos no Brasil, caracterizado por Martins (2008) como incompleto e epidérmico. Estas pessoas, transitando por diferentes espaços de trabalho sem constituir um lugar estável para seu sustento e realização, mirando um horizonte incerto (de um vínculo empregatício), constituem um aparato que não critica a insustentabilidade ambiental do modo como vivemos, e ainda retroalimenta simbolicamente o consumo pela suposta salvaguarda da reciclagem, produzida, no entanto, na ‘invisibilidade’ de um trabalho precarizante.

### 3.3 Migração

Nesse contexto, cabe observar como as trajetórias de vida e as experiências dos sujeitos interferem em sua relação neste campo de ação, construindo significados alusivos a sua condição. Para tanto, procuramos caracterizar os processos de migração narrados a partir de dois cortes analíticos: *motivações, condições de possibilidade*.

#### 3.3.1 Motivações

Nas narrativas construídas ao longo do processo de pesquisa foi possível apreender uma motivação de natureza econômica por trás de praticamente todas as partidas. A busca por condições materiais de vida mais dignas, por uma melhor “sorte” financeira, talvez tenha sido o principal motivo de suas empresas, individuais e familiares. Contudo, algumas outras motivações (ou, pelo menos, *variações*) puderam também ser aventadas. Entre elas, se destacam *o imaginário sobre a cidade grande e o medo da violência*.

A primeira dessas motivações diz respeito às imagens dos lugares de destino (prováveis e improváveis) construídas e disseminadas num processo coletivo e que são reapropriadas individualmente. De acordo com Alistair Thomson, “as narrativas dos migrantes evocam os ‘imaginários culturais’ sobre os futuros locais de destino” (THOMSON, 2002, p. 345). Entre esses “imaginários culturais”, certamente, podem ser incluídas as expectativas alimentadas acerca da *vida na cidade*, especialmente em uma *cidade grande*.

*E quando completei dezenove anos de idade, ai sim, eu disse: quero conhecer um pouco a cidade. (Pedro, 54 anos)*

Por fim, *o medo da violência* aparece com uma das principais motivações para os deslocamentos que se dão no interior do lugar de destino; isto é, aquelas reacomodações posteriores à saída da terra natal. Uma das entrevistadas, por exemplo, justifica assim sua última mudança de domicílio:

*Pra salvar o meu filho, no caso, porque ele andou se perdendo um pouco. Não fuma, não usa drogas, não bebe nem nada, mas as amizades levaram ele a estar incluído no meio de várias coisas. Então, pra salvar ele, a vida dele, deixar cair ou alguém matar, resolvi vender tudo e largar tudo de mão e começar de novo. (Jaqueline, 37 anos)*

Especificamente no que se refere ao Município de Porto Alegre, essas reacomodações implicam ainda um processo de ampliação das fronteiras da própria cidade: mediante uma dinâmica de invasões, remoções, relocamentos ou regularizações, as periferias urbanas constituem-se e interligam. Nesse sentido, a precariedade das inserções no mundo do trabalho, encontra correspondência nas relações do migrante com o próprio espaço; refletem em alguma medida, a dinamicidade da teia de relações nas quais se inserem e das quais, muitas vezes, desejam se afastar.

### 3.3.2 Condições de possibilidade

(...) todo lugar guarda dentro de si lembranças de chegadas e partidas anteriores, assim como expectativas de como uma pessoa pode chegar até ele, ou de como chegar a outros lugares a partir dele. Assim, lugares envolvem a passagem do tempo: não são do passado, nem do presente, e nem do futuro, mas todos os três unidos em um só. Eternamente gerados pelas idas e vindas dos seus habitantes, figuram não como posições no espaço, mas como vórtices específicos numa corrente de movimento, de inúmeras jornadas realmente efetuadas. (INGOLD, 2005, p.101)

Nesse sentido, os *deslocamentos anteriores* aparecem como uma das principais condições de possibilidade para as empresas individuais e familiares: é seguindo os passos e/ou as orientações



daqueles que partiram antes, que o migrante constrói o seu próprio caminho. Além disso, conforme destaca Thomson, “nas narrativas dos migrantes, as redes de sociabilidade são mostradas como um aspecto crucial da experiência da migração” (THOMSON, 2002, p. 346). É por meio dessas redes que o compartilhamento de informações e saberes – “recapitulação das jornadas anteriormente efetuadas”, nas palavras de Ingold – se viabiliza; também é por meio delas que o migrante recebe todo o tipo de apoio indispensável a sua jornada (as redes de sociabilidade, sob essa perspectiva, transfiguram-se em *redes de solidariedade*).

No que concerne aos eventos migratórios considerados na presente investigação, pode-se afirmar que, de fato, os *deslocamentos anteriores* e o *auxílio de amigos e parentes* (redes de solidariedade) foram suas principais condições de possibilidades. A posse de bens materiais ou uma situação financeira favorável não se constituíram em pré-requisitos à saída – o que parece óbvio, uma vez que, na maioria dos casos, foram justamente elas os horizontes almejados.

*[Hoje estão] todos morando em Porto Alegre, todos eles. Uns vieram trazendo os outros. A irmã mais velha casou e aí o cunhado, a gente sempre se deu bem, e o cunhado puxando, e as outras irmãs vieram puxando as outras. (Juares, 55 anos)*

Seja nos objetos que carrega, seja na companhia e convívio de outras pessoas, parentes e amigos, aquele que migra leva consigo um pouco do lugar de onde vem. “Transplanta-se”, pois, ao invés de se “desenraizar” (BORDNAR apud THOMSON, 2002). Seguindo caminhos já trilhados ou “abrindo” novas picadas, constrói saberes e se insere numa rede de sociabilidade/solidariedade que é, ao mesmo tempo, condição de possibilidade para o seu deslocamento e resultado dele.

Assim, a migração realizada por catadores/recicladores, permeada por imaginários de destino e resgates de condições de origem, compõe suas trajetórias não só como um momento em um itinerário, mas como um traço identitário que, nos casos em análise, parece instituir-se também por certa regularidade da prática, em função das buscas por novas inserções no mundo do trabalho, narrado em meio à provisoriedade e transitoriedade.

#### 4 Considerações finais : transitoriedade e práticas educativas

O trabalho com reciclagem parece compor uma trajetória de inserções informais no mundo do trabalho, contrastada nos depoimentos com o desejo de uma atividade estável, com direitos trabalhistas garantidos. Este posicionamento, pautado pela necessidade de sustento e precariedade das condições de trabalho, parece fragilizar a vinculação dos recicladores com esta atividade, salvo em casos de ganhos elevados.

A partir da análise das narrativas construídas durante as entrevistas e dos dados disponíveis, consideramos oportuno encerrar este texto trazendo uma provocação congruente com a transitoriedade que parece constituir as trajetórias de trabalho e vida de catadores/recicladores. Neste sentido, tomando em conta os deslocamentos e as buscas realizadas por estas pessoas, sugerimos neste momento o “migrar” como metáfora para problematização, tomando a ‘migração’ como significativamente mais complexa do que um mero deslocamento físico entre lugares.

Migrar envolve um lugar de origem que é muito mais do que um mero local de partida: é o espaço de vida significado, conhecido, a partir do qual o migrante se projeta para o futuro mesmo antes de iniciar seu movimento; é também o lugar, ponto de referência, para onde inevitavelmente retorna durante o resto de sua caminhada.

Os caminhos percorridos ao longo do processo migratório, desde a saída do lugar de origem até um reassentamento mais estável, refletem um pouco das motivações que estiveram por trás da decisão de partir. Assim, aqueles que partem motivados pelo desejo de conhecerem o mundo, ampliarem seus horizontes, tendem a percorrerem caminhos mais longos e entrecortados do que aqueles que migram em busca de melhores condições materiais de vida ou fascinados por um imaginário cultural específico. Por outro lado, os caminhos percorridos são também os resultados de um processo, até certo ponto, contingente: independente das motivações iniciais, alguns caminhos podem acabar se tornando mais ou menos longos e entrecortados em função de acontecimentos particulares durante os seus percursos.

Presentes em boa parte dos itinerários de migração considerados, as constantes *idas e vindas* se apresentam como uma de suas principais características. Os lugares por onde passaram e a possibilidade de retorno são presenças constantes na vida dos migrantes. Assim, às idas

corresponderiam momentos expansivos, enquanto às vindas, momentos de retração. E é ao longo desses caminhos, mais ou menos longos, mais ou menos entrecortados, entre idas e vindas, que a vida do migrante se faz. Caminho contingente, impreciso, incompleto, esconde-se sob os pés daquele que *erra*, exigindo-lhe sua constante (re)descoberta.

Os itinerários da migração, mais do que meras rotas pré-determinadas, constituem-se para os migrantes apenas ao longo de suas jornadas. Ativamente construídos pelos seus sujeitos, esses itinerários respondem simultaneamente a desejos e a necessidades; transformam-se e se reajustam em função das solicitações do presente, das lembranças do passado e das imagens de um futuro. Caracterizam-se também pela alternância entre momentos de privação (que exigem dos sujeitos algum tipo de superação) e expansão, sendo que na maior parte dos casos estes são suplantados por aqueles.

O fenômeno da migração, constituinte das trajetórias e dos cotidianos dos catadores/recicladores, traduz (como metáfora) a condição de transitoriedade que caracteriza não apenas a relação dos sujeitos com o trabalho da reciclagem, mas também suas próprias condições de vida. Entendemos, neste momento, que perceber e compreender tal contexto e o *modus operandi* articulado a ele seria o ponto de partida no diálogo com catadores/recicladores.

## Referências Bibliográficas

- CARVALHO, Isabel C. M. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 19, p. 283-302, julho de 2003
- ECKERT, Cornélia. Questões em torno do uso dos relatos e narrativas biográficas na experiência etnográfica. **Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas**. Porto Alegre, ano 94-97.
- INGOLD, Tim. Jornada ao longo de um caminho de vida – mapas, descobridor –caminho (*wayfinder*) e navegação. **Religião & Sociedade**. Rio de Janeiro, 25 (1): 76-110, 2005.
- MARRE, J. L. Histórias de vida e método biográfico. *Cadernos de Sociologia*, Porto Alegre, n.3, v.3, p.89-141, janeiro/julho. 1991.
- MARTINS, Clítia H. B. Catadoras/recicladoras na Região Metropolitana de Porto Alegre: organização do trabalho e identidade profissional. **Mulher e Trabalho** (Porto Alegre), Porto Alegre, v. 5, p. 65-78, 2003.
- MARTINS, J. S. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. 2. ed. ver. e ampl. São Paulo: Contexto, 2008.
- THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: História Oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.22, n°44, 2002, p.346/347.